

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a)
autor(a), o texto completo desta
dissertação será
disponibilizado somente a
partir de 17/12/2021.



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"**

**FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

LAÍS FERNANDA ESPÓSITO BARBOSA

**CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DOCENTES: PERCURSOS DA LEITURA
NA ALFABETIZAÇÃO**

Presidente Prudente
2019



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**

**Faculdade de Ciências e Tecnologia
Campus de Presidente Prudente**

LAIS FERNANDA ESPÓSITO BARBOSA

**CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DOCENTES: PERCURSOS DA LEITURA
NA ALFABETIZAÇÃO**

Dissertação apresentada para o exame de defesa do Programa de Pós-Graduação em Educação da FCT UNESP – campus de Presidente Prudente sob a orientação da Dra. Elianeth Dias Kanthack Hernandes.

Presidente Prudente/SP
2019

FICHA CATALOGRÁFICA

B238c

Barbosa, Laís Fernanda Espósito

CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DOCENTES: PERCURSOS DA
LEITURA NA ALFABETIZAÇÃO / Laís Fernanda Espósito
Barbosa. -- Presidente Prudente, 2019

194 p. : il., tabs., fotos + 1 CD-ROM

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente

Orientadora: Elianeth Dias Kanthack Hernandes

1. Alfabetização. 2. Ensino da leitura. 3. Prática docente. 4.
Concepções sobre leitura. I. Título.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Presidente Prudente

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DOCENTES: PERCURSOS DA LEITURA NA ALFABETIZAÇÃO

AUTORA: LAÍS FERNANDA ESPOSITO BARBOSA

ORIENTADORA: ELIANETH DIAS KANTHACK HERNANDES

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em EDUCAÇÃO, pela Comissão Examinadora:

Prof. Dra. ELIANETH DIAS KANTHACK HERNANDES

Departamento de Administração e Supervisão Escolar / Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP/Campus de Marília

VIDEOCONFERÊNCIA

Prof. Dra. KELLY CRISTIANE HENSCHEL POBBE DE CARVALHO

Departamento de Letras Modernas / Faculdade de Ciências e Letras de Assis

Prof. Dra. RENATA JUNQUEIRA DE SOUZA

Departamento de Educação Especial e Programa de Pós-Graduação em Educação / Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente

Presidente Prudente, 17 de dezembro de 2019

Dedico esta dissertação a todos os docentes que não desistiram de lutar por uma educação de qualidade, mesmo em meio a tantas adversidades.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, pela saúde e por ter me sustentado até aqui. Mesmo em meio a adversidade sempre olhava para o céu e me lembrava de Sua grandeza e de que nada seria impossível desde que tivesse fé.

Agradeço as alfabetizadoras participantes da pesquisa, por toda colaboração e confiança em permitir com que eu acompanhasse suas rotinas em sala de aula e pudesse coletar os dados necessários, sem os quais não seria possível a concretização deste estudo.

À minha querida diretora Maria José Volpe, por ter me auxiliado a conseguir ser liberada para frequentar as aulas do mestrado, pois sem esse apoio tudo se tornaria mais difícil.

À minha orientadora, professora doutora Elianeth Dias Kanthack Hernandez, por todas as discussões e indicações de leitura que foram ampliando conceitos e formas de ver o objeto de estudo; pela confiança, liberdade de expressão e apoio que me foi ofertado em todos os momentos da pesquisa e, apesar de tantos desafios enfrentados, sempre me auxiliou desde a elaboração dos objetivos até a escrita desta dissertação, se tornando para mim inspiração de fé e coragem.

Aos professores Sílvio Militão, Alberto Albuquerque e Renata Junqueira que possibilitaram a construção de novos conhecimentos durante a minha formação como mestre em Educação, principalmente no que diz respeito às políticas educacionais, pesquisa qualitativa e estratégias de leitura. Certamente suas aulas me auxiliaram na reflexão, acerca do objeto de pesquisa, por proporcionarem excelentes leituras que embasaram este estudo.

Às queridas pessoas do CELLIJ, (Gislene Barbosa, Raquel Souza, Juliane Motoyama, Berta Lúcia Feba, Ana Paula Carneiro, e demais pesquisadoras), com quem aprendi muito sobre leitura, obras infantis, literatura, biblioteca e contação de histórias.

Aos meus pais, irmão e irmã, por estarem nos bastidores me ofertando todo respaldo, para que essas linhas fossem escritas e por compreenderem a minha luta para chegar até aqui.

Ao meu noivo Francisco Rondon, por me levar aos congressos, palestras e estágio docência, ouvir pacientemente minhas inquietações, ansiedades e dúvidas e por ser generoso ao disponibilizar o tempo que eu necessitava para que me empenhasse na escrita dessa dissertação.

"... A minha contribuição foi encontrar uma explicação segundo a qual, por trás da mão que pega o lápis, dos olhos que olham, dos ouvidos que escutam, há uma criança que pensa"

(Emília Ferreiro).

“Não basta saber ler que Eva viu a uva. É preciso compreender qual posição que a Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho”.
(Paulo Freire)

RESUMO

A leitura constitui prática reconhecidamente valorizada no âmbito da sociedade, uma vez que sua utilização remete a maior possibilidade de participação em diferentes esferas sociais. Portanto, saber ler vai muito além de saber a pronúncia das letras e a decodificação de sílabas. Por sua função social, o domínio das capacidades de leitura é uma questão de cidadania, pois possibilita a capacidade criadora e o posicionamento crítico diante da complexidade do mundo no qual estamos inseridos. Outro ponto de destaque para a pesquisa que originou este trabalho é o entendimento de que a escola é a agência por excelência de veiculação e produção desses conhecimentos. Sendo assim, ela desempenha um papel de extrema importância no processo de aquisição da leitura, e deve sempre buscar o desenvolvimento leitor de seus alunos, de forma plena, por intermédio das tematizações das práticas sociais de leitura e escrita proporcionadas no contexto escolar. Nesta perspectiva, este estudo está centrado no tema da formação de alunos leitores e das práticas de professores alfabetizadores que são destinadas a esta formação. O ensino da leitura, por muitas décadas, foi baseado em métodos caracterizados pelo progresso passo a passo, ou seja, decorava-se o alfabeto, soletrava-se, decodificavam-se palavras isoladas, frases e por fim textos. O estudo partiu do pressuposto que este é um caminho que se distancia das concepções sobre o ensino da leitura defendidas por autores: Ferreiro e Teberosky (1999), Smith (2003), Cadermatori (2006), Freire (2011) que são referência nessa área de conhecimento. Tendo como preocupação o quanto esse processo histórico influenciou a realidade das salas de aula, nos dias atuais, e partindo do questionamento de quais concepções as alfabetizadoras possuem sobre o ato da leitura, em especial da leitura literária e do seu ensino, este trabalho pretendeu identificar essas concepções a partir da análise dos depoimentos e das práticas de professoras de uma escola pública de um município do interior de São Paulo. Partiu-se da hipótese de que as antigas concepções de leitura como mera codificação e decodificação ainda estavam presentes no contexto escolar. A investigação teve caráter qualitativo, sendo realizado um estudo de caso com três docentes em uma escola municipal de Ensino Fundamental. Foram utilizadas como técnicas de coleta de dados o questionário semiaberto, análise de registros escolares, entrevista semiestruturada, análise documental e observação *in loco*. A partir do que se aferiu nos dados coletados, foi possível concluir que as práticas de leitura do século XIX ainda se fazem presentes no processo de alfabetização do século XXI, limitando as crianças a decodificação de letras, sílabas, frases e textos, distanciando-as da formação como leitores com capacidade de análise crítica. Diante disso, ao término deste estudo propusemos uma sequência didática, de modo a ficar mais claro, os aspectos dos quais temos falado durante o percurso desse estudo, em relação a leitura nos primeiros anos da alfabetização e a importância de rompermos com práticas mecanizadas distanciadas de sentido e buscarmos práticas sociais reais. Dessa forma deixamos como uma sugestão para que educadores possam refletir e pensar em mais estratégias que rompam com práticas engessadas do século XIX.

Palavras-chave: Alfabetização. Ensino da leitura. Prática docente. Concepções sobre leitura.

ABSTRACT

Reading is a recognised practice within society, as its use refers to the greater possibility of participation in different social spheres. Therefore, knowing how to read goes far beyond knowing the pronunciation of letters and the decoding of syllables. Due to its social function, the mastery of reading skills is a matter of citizenship, since it enables the creative capacity and critical positioning in the face of the complexity of the world in which we are inserted. Another highlight of the research that originated this work is the understanding that the school is the agency par excellence for conveying and producing this knowledge. Therefore, it plays an extremely important role in the process of acquisition of reading, and should always seek the reader development of its students, fully, through the themes of social practices of reading and writing provided in the school context. From this perspective, this study is centred on the subject of the training of student readers and the practices of literacy teachers that are intended for this training. The teaching of reading, for many decades, was based on methods characterised by step-by-step progress, i.e. decorating the alphabet, spelling, decoding individual words, sentences and finally texts. The study was based on the assumption that this is a path that distances itself from the conceptions about the teaching of reading advocated by authors: Ferreiro and Teberosky (1999), Smith (2003), Cadermatori (2006), Freire (2011) who are references in this area of knowledge. Having as concern how this historical process influenced the reality of classrooms nowadays, and starting from the questioning of which conceptions the alphabetizers have about the act of reading, especially literary reading and its teaching, this work intended to identify these conceptions from the analysis of the testimonies and practices of teachers of a public school in a city of the interior of São Paulo. It was based on the hypothesis that the old conceptions of reading as mere codification and decoding were still present in the school context. The investigation was of a qualitative nature, with a case study being carried out with three teachers in a municipal primary school. Data collection techniques included the semi-open questionnaire, analysis of school records, semi-structured interview, documentary analysis, and on-site observation. From what was measured in the collected data, it was possible to conclude that the reading practices of the 19th century are still present in the literacy process of the 21st century, limiting children to the decoding of letters, syllables, phrases and texts, distancing them from the formation as readers with critical analysis capacity. Therefore, at the end of this study, we proposed a didactic sequence, in order to clarify the aspects we have been talking about during the course of this study, regarding reading in the first years of literacy and the importance of breaking away from mechanized practices distanced from meaning and seeking real social practices. Thus we leave it as a suggestion for educators to reflect and think about more strategies that break with practices plastered in the nineteenth century.

Keywords: Literacy. Teaching reading. Teaching practice. Conceptions about reading.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|-----|
| Figura 1- Capa do livro selecionado pela docente | 88 |
| Figura 2- Atividade proposta pela alfabetizadora após a leitura do livro. | 88 |
| Figura 3- Capa do livro Eram 10 na cama | 91 |
| Figura 4- Atividade ordem crescente e decrescente | 92 |
| Figura 5- Capa do livro: Que horas são Senhor Urso? | 93 |
| Figura 6- Atividade sobre medida de tempo. | 96 |
| Figura 7- Capa do Livro: “Branca de neve e os sete anões” | 97 |
| Figura 8- Recomendações para a leitura do conto | 99 |
| Figura 9- Atividade: Complete com as letras faltosas | 100 |
| Figura 10- Escrita em duplas do começo da história da Branca de neve | 101 |
| Figura 11- Capa do livro: O gato e a árvore | 102 |
| Figura 12- Capa do livro: Um gato marinheiro | 104 |
| Figura 13- Atividade desenvolvida após a leitura do livro. | 105 |
| Figura 14- Capa do livro: O dragão comilão | 106 |
| Figura 15- Atividade referente ao livro: O dragão comilão | 108 |
| Figura 16- Capa do livro: Deixado para trás..... | 109 |
| Figura 17- Atividade: Ditado estourado | 110 |
| Figura 18- Capa do livro: Sem pé nem cabeça..... | 111 |
| Figura 19- Atividade de ilustração da história. | 112 |
| Figura 20- Silabário | 115 |
| Figura 21- Cartaz das boquinhas..... | 116 |
| Figura 22- Utilização do sussurrofone. | 117 |
| Figura 23- Ficha silábica colada no caderno dos alunos. | 118 |
| Figura 24- Atividade: Vamos formar palavras..... | 119 |
| Figura 25- Atividade frases enigmáticas | 120 |
| Figura 26- Atividades com “leitura de textos” | 121 |
| Figura 27- Atividade com “leitura de textos” | 122 |
| Figura 28- Atividade com leitura de textos..... | 123 |
| Figura 29- Atividade com leitura de textos..... | 124 |
| Figura 30- Atividades consideradas como de “leitura de textos” | 126 |
| Figura 31- Atividade com leitura de textos..... | 127 |

| | |
|--|-----|
| Figura 32– Textos utilizados para atividade de leitura | 129 |
| Figura 33-Atividade Junte as sílabas e forme palavras | 131 |
| Figura 34- Mediação da docente em relação a leitura | 132 |
| Figura 35- Decodificação de sílabas | 132 |
| Figura 36 - Leitura de textos selecionados pela docente. | 138 |
| Figura 37- Atividade de respostas sobre o texto lido | 143 |
| Figura 38- Livro: O caso da Lagarta que tomou chá de sumiço..... | 164 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|-----|
| QUADRO 1- Quanto ao perfil docente..... | 40 |
| QUADRO 2- Quanto a formação docente | 41 |
| QUADRO 3- Quantidade de livros lidos por mês | 43 |
| QUADRO 4- Para você, o que é ler? | 46 |
| QUADRO 5- Livros infantis oferecidos para escolha dos docentes..... | 49 |
| QUADRO 6- Livro escolhido pela Alfabetizadora P1 | 51 |
| QUADRO 7- Livros escolhidos pela alfabetizadora P2 | 53 |
| QUADRO 8- Livros escolhidos pela alfabetizadora P3 | 55 |
| QUADRO 9- Plano anual do 1º ano | 62 |
| QUADRO 10- Plano anual do 2º ano | 65 |
| QUADRO 11- Rotina do 1º ano envolvendo leitura | 70 |
| QUADRO 12- Rotina do 2º ano I - envolvendo leitura..... | 75 |
| QUADRO 13- Rotina do 2º II envolvendo leitura | 80 |
| QUADRO 14- Caderno Piloto das alfabetizadoras | 84 |
| QUADRO 15- Em relação a sua formação inicial | 144 |
| QUADRO 16- Onde e com quem procuraram auxílio quando ingressaram no magistério?.. | 145 |
| QUADRO 17- Em relação ao que é fundamental que os alunos leiam | 146 |
| QUADRO 18- Contexto de leitura aos alunos..... | 146 |
| QUADRO 19- Como realizam a seleção de textos para o caderno de classe e lição de casa . | 147 |
| QUADRO 20- O papel do livro didático..... | 148 |
| QUADRO 21- Atividades que o alfabetizador considerou interessante | 149 |
| QUADRO 22- Pra você o que é ler? | 151 |
| QUADRO 23- Atividades referentes ao livro "O caso da lagarta que tomou chá de sumiço" | 165 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|----|
| GRÁFICO 1-Atividades previstas na rotina da P1 que têm a intenção de ensinar a ler | 74 |
| GRÁFICO 2- Atividades previstas na rotina da P2 que têm a intenção de ensinar a ler..... | 78 |
| GRÁFICO 3- Atividades previstas na rotina da P3 que têm a intenção de ensinar a ler..... | 82 |

LISTA DE ABREVIATURAS

ANA – AVALIAÇÃO NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO

INAF – INDICADOR DE ALFABETISMO FUNCIONAL

MEC – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

BNCC – BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

PNAIC – PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA

P1- PROFESSORA 1

P2- PROFESSORA 2

P3 – PROFESSORA 3

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| Introdução | 17 |
| 1 - A FORMAÇÃO DE LEITORES NO BRASIL: perspectiva histórica..... | 23 |
| 1.1 Alfabetização brasileira nos anos iniciais do ensino fundamental | 23 |
| 1.2 O que entendemos por leitura e formação de leitores no processo de alfabetização | 30 |
| 2 – O PERCURSO METODOLÓGICO E AS CONCEPÇÕES IDENTIFICADAS: um diálogo possível e necessário | 35 |
| 2.1 Propósitos da pesquisa | 35 |
| 2.2 Percursos e recursos para a pesquisa | 35 |
| 2.3 Perfil das alfabetizadoras e o que entendem por leitura | 40 |
| 2.4 Concepções sobre a escolha e o uso do livro infantil e os paratextos | 48 |
| 2.5 Planejamento para o trabalho com a leitura | 59 |
| 2.5.1 O Plano anual | 61 |
| 2.5.2 Rotina..... | 68 |
| 2.6.3 Caderno Piloto | 83 |
| 3 – PRÁTICAS DOCENTES..... | 87 |
| 3.1- Alfabetizadoras e a utilização dos livros infantis em sala de aula | 87 |
| 3.1.1 As práticas e as concepções da Alfabetizadora P1 | 87 |
| 3.1.2 Alfabetizadora P2 | 96 |
| 3.1.3 Alfabetizadora P3 | 106 |
| 3.1.4 Análise sobre a utilização dos livros das docentes | 113 |
| 3.2- Momentos de leitura e a formação de leitores plenos..... | 115 |
| 3.2.1 Alfabetizadora P1 | 115 |
| 3.2.2 Alfabetizadora P2 | 130 |
| 3.2.3 Alfabetizadora P3 | 139 |
| 4 – TEORIA E PRÁTICA SE SUSTENTAM? | 144 |

| | | |
|-----|--|------------|
| 4.1 | Concepções e práticas docentes: diálogo ou monólogo? | 144 |
| 4.2 | Presença de práticas do século XIX no contexto escolar do século XXI | 151 |
| 4.3 | Como romper com práticas de leitura enraizadas no contexto escolar? | 154 |
| 4.4 | Sugestão de sequência didática | 163 |
| | Considerações finais | 171 |
| | Referências | 175 |
| | ANEXOS I..... | 185 |
| | ANEXOS II | 189 |
| | ANEXOS III..... | 192 |

Introdução

A leitura constitui prática reconhecidamente valorizada no âmbito da sociedade, uma vez que sua utilização remete a maior possibilidade de participação em diferentes esferas sociais. Portanto, saber ler vai muito além de saber a pronúncia das letras e a decodificação de sílabas. Por sua função social, o domínio das capacidades de leitura é uma questão de cidadania, pois possibilita a capacidade criadora e o posicionamento crítico diante da complexidade do mundo no qual estamos inseridos. Nesta perspectiva, ela amplia horizontes proporcionando, sobretudo o acesso a informação e a produção do conhecimento. Neste trabalho investigativo, partimos do pressuposto que o ato de ler se concretiza em um diálogo (entre leitor, texto, autor e contexto de produção do texto e da leitura) e implica considerar que o ato de leitura começa antes mesmo que o leitor inicie a leitura do texto, pois a análise exploratória que ele realiza antes de ler permite a antecipação do tema e a ter ideias que o aproximam do texto (BAKHTIN, 1997; GIROTTO e SOUZA, 2010; HERNANDES et al, 2015). Quanto maior sua experiência e familiaridade com o assunto, maiores serão as chances de ocorrer uma leitura plena do texto.

Outro ponto de destaque para a pesquisa que originou este trabalho é o entendimento de que a escola é a agência por excelência de veiculação e produção desses conhecimentos. Sendo assim, ela desempenha um papel de extrema importância no processo de aquisição da leitura e deve sempre buscar o desenvolvimento leitor de seus alunos, de forma plena, por intermédio das tematizações das práticas sociais de leitura e escrita proporcionadas no contexto escolar.

Para compreendermos como a escola brasileira historicamente entendeu a sua função de ensinar a ler, Mortatti (2000) registra que no final do século XIX, o ensino da leitura era considerado como o ensino das habilidades de “codificação” e “decodificação”. Essa lógica foi transposta para a sala de aula mediante a criação de diferentes métodos de alfabetização. Segundo essa autora, a partir de então são adotados, ora os chamados métodos sintéticos (silábicos ou fônicos), ora os denominados métodos analíticos (global). Esses métodos tinham, e têm ainda, a intenção de padronizar as aprendizagens da leitura e da escrita e com essa finalidade contavam com o apoio de cartilhas que passaram a ser amplamente utilizadas, como livro didático, para o ensino da leitura e da escrita. Como alerta Giroux (1999, p.160), esses procedimentos tinham, e ainda têm, o papel de padronização dos currículos e de possibilitar o gerenciamento do que está sendo ensinado, a fim de que seja possível controlar “o aprendido” por intermédio de avaliações externas.

As racionalidades tecnocráticas e instrumentais também operam dentro do próprio campo de ensino, e desempenham um papel cada vez maior na redução da autonomia do professor com respeito ao desenvolvimento e planejamento curricular e o julgamento e implementação de instrução em sala de aula. Isto é bastante evidente na proliferação do que tem se chamado pacotes curriculares "à prova de professor". A fundamentação subjacente de muitos destes pacotes reserva aos professores o simples papel de executar procedimentos de conteúdo e instrução predeterminados. O método e objetivo de tais pacotes é legitimar o que chamo de pedagogias de gerenciamento. Isto é, o conhecimento é subdividido em partes diferentes, padronizado para serem mais facilmente gerenciados e consumidos, e medidos através de formas de avaliação predeterminadas.

A partir da década de 1980, do século XX, Mortatti (2000) esclarece que vêm se delineando novos enfoques e paradigmas acerca da prática pedagógica, possibilitando a compreensão crítica do desenvolvimento da leitura no interior da escola. Este campo de estudo tem sido considerado fértil, haja vista a importância assumida por esta temática, cujas contribuições são significativas para as reflexões acerca das experiências desenvolvidas pelos professores na escola, bem como para a ressignificação do processo de formação profissional docente.

Interessados pela leitura, em especial pelo desenvolvimento de leitores plenos¹, consideramos a concepção do sentido de ler, para o professor, como um dos elementos que levam à compreensão mais apurada da sua empiria, do seu modo de ensinar e da sua posição como alfabetizador das crianças. Durante todo o processo de construção deste texto e da pesquisa que o originou, buscamos aportes teóricos para sua sustentação a fim de compreendermos, com maior propriedade, o fenômeno investigado.

Concordamos com Soares (2003) quando afirma que:

Sem dúvida não há como fugir, em se tratando de um processo complexo como a alfabetização, de uma multiplicidade de perspectivas, resultante da colaboração de diferentes áreas de conhecimento, e de uma pluralidade de enfoques, exigida pela natureza do fenômeno, que envolve atores (professores e alunos) e seus contextos culturais, métodos, material e meios. (SOARES, 2003, p.14).

Diante da afirmação da autora, ao assumirmos os eixos: concepção e prática docente nos anos iniciais da alfabetização fomos reportados a diálogos importantes com estudiosos da

¹ A escolha pelo termo "leitores plenos" é justificada por ser utilizado nos documentos oficiais veiculados pelo do Ministério da Educação – MEC para se referir aos indivíduos que, ao ler, são capazes de dialogar com as intenções do autor de forma a produzir sentido ao que está escrito. É aquele que ao ler seleciona, interpreta, deduz, relaciona, verifica suas propostas e intenções de leitura e faz apreciações críticas pertinentes; é, também, aquele que se compromete com as relações dialógicas e dialéticas presentes no texto.

didática, da formação de professores e da linguística a fim de melhor compreender os saberes dos docentes e suas implicações na construção do conhecimento pelo aluno. O cotejamento entre o que dizem os teóricos e os dados coletados no estudo de caso realizado que foram efetuados com o objetivo principal de identificar a concepção que as professoras alfabetizadoras possuem sobre o que é ler e suas práticas de leitura na sala de aula, de modo a refletir sobre qual tem sido a influência desses procedimentos para a formação de leitores plenos, em relação às crianças que estão começando seu processo de alfabetização. Partimos da hipótese de que as antigas concepções de leitura, como mera codificação e decodificação de letras e sílabas para a formação de palavras, ainda estão presentes dentro do contexto escolar. Para esta pesquisa, utilizamos uma investigação de caráter qualitativo, sendo realizado um estudo de caso com três docentes em uma escola municipal de Ensino Fundamental. Utilizamos como técnicas de pesquisa o questionário semiaberto, registro, entrevista semiestruturada, análise documental e observação *in loco*.

Durante a realização desse estudo, também buscamos documentos formais a respeito da leitura no país, a fim de compreendermos a situação em que nosso objeto de estudo se encontra nos últimos anos a nível nacional. Neste sentido, deparamo-nos com uma das principais pesquisas da área denominada “Retratos de leitura no Brasil”, que em sua quarta edição - realizada entre novembro e dezembro de 2015 -, considerou contribuições do Centro Regional para el Fomento del Libro em América Latina y el Caribe (CERLALC-UNESCO) e demonstrou que tivemos avanços em relação ao percentual da população leitora no Brasil, que resultou em 56% ao compararmos os 50% da edição anterior.

De acordo com os responsáveis por esta pesquisa, o avanço relaciona-se a inclusão de crianças e jovens na escola, a ampliação dos anos de escolaridade da população, a redução na taxa de analfabetismo e a implementação de políticas públicas para distribuição de livros infantis. No entanto, “apesar dos resultados deste estudo apontarem o aumento do percentual da população alfabetizada funcionalmente entre 2001 e 2011, os dados coletados também permitem concluir que apenas 1 em cada 4 brasileiros domina plenamente as habilidades de leitura, escrita e matemática”. (ZOARA, 2016, p. 231)

Correlacionado com a pesquisa acima citada, nosso interesse pelo tema foi consideravelmente ampliado devido aos resultados insatisfatórios da Avaliação Nacional de Alfabetização – ANA², em suas edições (2013, 2014, 2016 e 2017). Essa avaliação em larga

² A Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA) é uma avaliação externa que objetiva aferir os níveis de alfabetização e letramento em Língua Portuguesa (leitura e escrita) e Matemática dos estudantes do 3º ano do

escala tem demonstrado que grande quantidade de crianças das escolas públicas, urbanas e rurais, regularmente matriculadas no 3º ano, não conseguem atingir os níveis mais altos de proficiência leitora, limitando-se a leitura de palavras simples e textos curtos com mensagens explícitas. Além disso, dados divulgados pelo Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF)³, que é uma pesquisa realizada com pessoas entre 15 a 64 anos de idade e que foi divulgada em 2018, revela que temos analfabetos funcionais entre 29% dos brasileiros e apenas 71% considerados funcionalmente alfabetizados, sendo que deste percentual somente 12% possui a compreensão plena do que lê, com capacidade de análise e crítica.

Diante da gravidade no país em termos de alfabetização, surgiram medidas políticas estratégicas, como por exemplo, a meta 5 do Plano Nacional de Educação (2014), que instituía que todas as crianças deveriam ser alfabetizadas até os oito anos de idade – 3º ano do ensino fundamental - e a Base Nacional Comum Curricular (2017) que afirma que todos os alunos devem estar alfabetizados até o 2º ano do ensino fundamental e, por fim, a Política Nacional de Alfabetização (PNA), instituída pelo Decreto nº 9.765, de 11 de abril de 2019, que pretende, de acordo com seus propositores “levar para a sala de aula os achados das ciências cognitivas” (BRASIL, 2019, p. 7)

Nesse contexto, surgiram várias discussões a respeito sobre o conceito de alfabetização, como na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), esta definição não está clara, pois ao mesmo tempo em que preza por uma educação que possibilite a construção de sentidos, por meio dos educandos, estabelece que primeiro se apresente as letras, palavras, frases e por fim textos, muito se assemelhando ao progresso passo-a-passo encontrados nas cartilhas do século XIX e que demonstraram resultados insatisfatórios. Da mesma forma, o PNA (BRASIL, 2019, p. 18 – 19) ao conceituar o processo de alfabetização o faz da seguinte forma:

Ao aprender as primeiras regras de correspondência entre grafema/ fonema/ fonema-grafema, a pessoa começa a decodificar, isto é, a extrair de uma sequência de letras escritas a sua forma fonológica (ou pronúncia), e a codificar, isto é, a combinar em sinais gráficos (letras ou grafemas) os sons produzidos na fala. Em outras palavras, começa a ler e a escrever. O ensino dessas habilidades de leitura e de escrita é que constitui o processo de alfabetização. Se alguém é alfabetizado, significa que é capaz de decodificar e codificar qualquer palavra em sua língua.

Ensino Fundamental das escolas públicas. As provas aplicadas aos alunos forneceram três resultados: desempenho em leitura, desempenho em matemática e desempenho em escrita.

³ INAF. Indicador de alfabetismo funcional. Instituto Paulo - Brasil – <https://ipm.org.br/inaf> - acessado em 20/05/2019.

Diante desses vários conceitos, é importante deixar claro desde já o conceito de alfabetização que tivemos (e temos) como pressuposto e que orientou a realização do estudo que deu origem a esta dissertação. A visão de alfabetização que assumimos é a que tem como base a aprendizagem da língua escrita em práticas sociais reais que acontecem tanto no contexto social mais amplo, como no interior das próprias escolas. De acordo com Brotto (2008, p. 40)

Se o ensino em alfabetização não partir do princípio de que a linguagem é de natureza social, que ocorre num processo de interlocução, que palavras só se tornam signos se seus sentidos são compartilhados socialmente, então, seu ensino e, conseqüentemente, seu aprendizado serão parciais. Assim, não há orientação social para as práticas em leitura e escrita e, para nós, isso não é alfabetização, pois não aprendemos o ‘alfa’ e o ‘beta’ se não forem na e para a ação social.

Diante dessa afirmação, compreendemos que a alfabetização, em situação escolar, deve ser entendida como o ensino de atos sociais de leitura e escrita, que envolvem os comportamentos e os procedimentos leitores necessários para o exercício pleno de diferentes práticas sociais em um contexto em que a escrita desempenha papel central. A alfabetização, em seu sentido pleno, além de permitir aprender os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento tem a função de criar as condições que assegurem tanto a aprendizagem do sistema de escrita, como também o domínio dos usos sociais da linguagem que se usa para escrever.

Com esses primeiros apontamentos consideramos justificada a relevância do trabalho investigativo elaborado em razão de termos tido a intenção de realizar um cotejamento entre o que as professoras que participaram da pesquisa entendem sobre o que é ler e como trabalham o ensino da leitura em sala de aula, o que dizem os estudiosos da área e o que está determinado nos documentos oficiais que orientam as práticas dos docentes no Brasil.

Desse modo, a dissertação foi organizada em quatro seções. A primeira contextualiza a formação de leitores no país, em que abordamos o contexto histórico da alfabetização brasileira desde as escolas dos jesuítas até os dias de hoje e registramos o que entendemos por formação de leitores. Na segunda seção, discorremos a respeito dos propósitos da pesquisa e desvelamos o perfil e a concepção das docentes, por meio de análises documentais.

A terceira parte deste trabalho se refere às práticas docentes, observadas em sala de aula, no momento em que as alfabetizadoras entendem que oportunizam o ensino da leitura para os alunos. Por fim, a última seção contempla a reflexão sobre as concepções e as práticas das docentes e em que referencial teórico elas se sustentam. Concluimos trazendo nossas considerações sobre a presença de práticas do século XIX, no contexto escolar do século XXI e a importância de se formar profissionais reflexivos, para romper com práticas pedagógicas

historicamente enraizadas entre os procedimentos didáticos utilizados no cotidiano dos professores alfabetizadores.

Em um primeiro momento, como nos propusemos a fazer, realizamos o registro de um resgate histórico sobre a formação de leitores no Brasil, desde o século XVI, até os dias atuais.

Considerações finais

Ao iniciarmos a apresentação deste texto dissertativo, primeiramente, trouxemos a discussão os eixos: concepção e prática docente de modo a verificar como as alfabetizadoras compreendiam o que é ler e de que maneira desenvolviam suas práticas de leitura em sala de aula, a fim de observarmos se estas limitavam esse processo a momentos de decodificação de letras, sílabas, frases e por fim textos. Também defendemos a ideia de leitor, pois de acordo com Thomas (2009) o leitor não é aquele que lê muitas vezes o mesmo tipo de texto, mas aquele que lê diversos tipos de texto com profundidade”. (THOMAZ, 2009, p. 3).

Estabelecemos diálogos importantes com estudiosos da didática (FREIRE, 1987), (LERNER, 2002) da formação de professores (FERREIRO, 1996) e da linguística (BAKHTIN, 1999), (SMITH, 2003) a fim de melhor compreender os saberes das alfabetizadoras e suas implicações na construção do conhecimento pelo aluno, partindo da hipótese de que as antigas concepções de leitura como mera decodificação ainda estavam presentes dentro do contexto escolar. Para a pesquisa que deu origem a este texto utilizamos uma investigação de caráter qualitativo, sendo realizado um estudo de caso com três professoras em uma escola municipal de Ensino Fundamental. Para isso, utilizamo-nos de algumas técnicas de coleta de dados como

o questionário semiaberto, registros, entrevistas semiestruturadas, observação empírica e a análise documental.

Com a análise dos dados coletados, pudemos constatar que as alfabetizadoras pesquisadas consideravam: a-) o plano anual como atividade meramente burocrática; b-) não colocavam em suas rotinas a maneira como pretendiam trabalhar a leitura em sala de aula; c-) utilizavam como critério de escolha do livro infantil, obras que tivessem um projeto gráfico com ilustrações grandes e textos curtos em caixa alta, sem se preocupar com os aspectos textuais e nem com os paratextos; d-) embora tivessem participado de cursos de capacitação envolvendo a leitura, selecionavam os textos de acordo com os conteúdos do livro didático.

Outro aspecto importante observado durante a análise dos dados se refere ao fato do pouco contato que as educadoras tiveram com obras infantis em seu período de infância,

interferindo assim, em sua formação como leitoras, lendo pouco ou nenhum livro também na idade adulta. Além disso, o acúmulo da carga horária de trabalho na escola deveria torna-la em um espaço de leitura não somente para as crianças como também para os alfabetizadores brasileiros, cabendo aos gestores pedagógicos oportunizar, nos horários de estudo, momentos em que o educador leia para sua formação como leitor experiente, textos teóricos, literários, dentre outros.

A existência do progresso passo-a-passo das cartilhas do século XIX no contexto da alfabetização do século XXI, nos levou a refletir sobre a didatização dos textos que ocorre no trabalho com a leitura e a escrita nas salas de aula, por intermédio dos livros didáticos e das atividades selecionadas pelos docentes. Do modo como têm sido elaboradas as atividades, elas distanciam a sala de aula do contexto social dos alunos, fazendo com que o ensino seja descontextualizado e fragmentado. Isso impede que se alcance o objetivo maior da leitura que é o de oportunizar o sentido, a compreensão e a significação do texto lido. Dessa forma, o aluno é desligado da busca de sentidos e passa a assumir uma postura passiva sem reflexões que o torna cada vez mais distante da formação de leitor com capacidade de análise e crítica.

O questionamento norteador da nossa pesquisa foi: quais concepções as alfabetizadoras possuem sobre ler e o ensino da leitura? Da análise dos dados coletados notamos que embora elas considerassem que ler: é interagir com o mundo, construir novos conhecimentos, viver novas experiências, aprender e aprimorar o conhecimento, ao contrapor suas práticas em sala de aula, limitavam os textos e livros selecionados a um auxiliador didático para explicar determinados conteúdos. Na perspectiva assumida pelas professoras pesquisadas, o texto do macaco era utilizado para ensinar “má-me-mi-mó-mu”, o livro do “Dragão comilão” para ensinar os sinais de pontuação e assim por diante, não sendo, portanto, um recurso para construir novos conhecimentos e interagir com o mundo, de acordo com as afirmativas iniciais sobre “o que é ler”.

Para aprofundarmos nossa compreensão sobre essa dicotomia no contexto da alfabetização, levantamos reflexões a respeito da ineficácia das políticas públicas educacionais sobre essa questão, quando são implementadas ações que geram pouca melhoria na qualidade de ensino. Também quando são aplicados instrumentos de avaliações externas, como a Avaliação Nacional de Alfabetização, que não são tabuladas de modo a orientar os professores, as escolas e os sistemas de ensino. A precarização dos cursos de formação inicial e a falta de estrutura em muitas faculdades, tanto em acervos literários quanto em currículos que componham disciplinas sobre metodologia de alfabetização, também reforçam nossa posição sobre a fragilidade das políticas educacionais brasileiras para a formação de sujeitos leitores.

Os cursos de formação continuada voltados para a leitura foram pouco significativos para as docentes, que permaneceram espelhando suas práticas nas educadoras veteranas, perpetuando assim, o trabalho com a leitura sem planejamento e sem a utilização de recursos atualizados.

A escola por ser um espaço de formação continuada do professor, também tem sua responsabilidade no que se refere a estimular a leitura de seus profissionais da educação, fornecer subsídios teóricos para o planejamento com os textos e os livros em sala de aula e demais ambientes escolares, bem como fazer com que estes reflitam sobre suas práticas e que diagnostiquem as dificuldades de aprendizagem dos alunos a fim de estabelecer mediações adequadas para que todas as crianças avancem em seus conhecimentos.

Também é fundamental que os documentos oficiais exigidos pela gestão escolar para que sejam elaborados pelos professores (Planos de Ensino, Semanários, Rotinas), tenham objetivos e funções claras de forma que auxiliem o professor em sua organização profissional, não assumindo um caráter de mais um documento meramente burocrático, mas sim de documento que subsidie um planejamento permanente e reflexivo.

Não podíamos deixar de pensar a respeito do protagonista de todo o nosso estudo: o alfabetizador. Através dessa profissão que todo o processo de ensino acontece e por meio de suas concepções que suas práticas ganham vida no ambiente escolar e aproximam ou distanciam os estudantes do ato de ler.

Ressaltamos a importância do professor transformador que se torna um pesquisador de sua própria prática, um investigador de sua empiria, um estudioso de suas ações. Ao juntar teoria e sua experiência, agrega à sua bagagem um repertório que lhe permitirá analisar as causas reais do fracasso escolar no período da alfabetização e criar estratégias de modo coletivo para superar as dificuldades de aprendizagens encontradas pelos seus alunos. Um professor que tematiza sua prática, não limita a ensinar as tarefas prontas nos livros didáticos para mostrar para os familiares nas reuniões escolares que cumpriu todo o conteúdo. Um alfabetizador que esteja preparado para essa função, indaga, questiona, levanta os conhecimentos prévios dos alunos e traça estratégias de como fazer para que avancem em seus conhecimentos associando o que se aprende na escola com a vida em sociedade.

As professoras que participaram dessa pesquisa nos mostraram que não existe um descompromisso, por parte delas, para com a formação leitora dos alunos. Pelo contrário, são docentes envolvidas com suas práticas e ações. O que fica evidente é que as suas concepções sobre como a criança aprende, sobre as diferenças entre o ensino da Língua e da Linguagem, sobre o que é ler um texto, é que são frutos de uma formação inicial e continuada que tem

deixado lacunas que permitem esses desvios nas suas práticas como alfabetizadoras. Entendemos que mais do que “culpadas”, essas professoras são “vítimas” de um sistema educacional que direciona suas políticas para aquilo que é periférico e não para o eixo central do trabalho escolar: a formação de leitores e produtores de textos nas diferentes áreas do conhecimento.

Concluimos, portanto, que embora precisemos avançar muito para romper com práticas enraizadas do século XIX no contexto escolar dos dias de hoje, é necessário, como dizia Freire (1987) que tenhamos uma postura militante para lutar pelos nossos ideais e combater as desigualdades sociais que há muito tempo assolam nosso país.

Referências

- ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil – gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- AÇÃO EDUCATIVA; INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. **Indicador de Alfabetismo Funcional INAF Brasil 2018: Resultados preliminares**. São Paulo: Ação Educativa; IPM, 2018. Disponível em: < http://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Inaf2018_Relat%C3%B3rioResultadosPreliminares_v08Ago2018.pdf >
- ALARCÃO, I. (Coord.). **Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão**. Porto: Porto Editora, 2005.
- ALBUQUERQUE, M. **Leitura e produção: desvelando e (re)construindo textos**. João Pessoa: Editora Universitária, 2000.
- ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ARAÚJO, L.; DOLINA, J.; MUSQUIM, C.; BELLATO, R.; LUCIETTO, G. **Diário de pesquisa e suas potencialidades na pesquisa qualitativa em saúde**. Revista Brasileira Pesquisa Saúde, Vitória, Espírito Santo, p. 53-61, jul/set. 2013.
- ARENA, D. B. O ensino da ação de ler e suas contradições. **Ensino Em-Revista**, Uberlândia, v.17, n.1, p. 237-247, jan/jun.2010
- AULETE, C. **Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Delta, 2017. v. 7.
- AZEVEDO, R. **Formação de leitores e razões para a literatura**. In SOUZA J. R. (org) Caminhos para a formação do leitor. 1 ed. São Paulo: DCL, 2004.
- _____. **Livros didáticos e livros de literatura: chega de confusão!** Disponível em: <<http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Sobre-livros-didaticos-e-de-ficcao.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2019.
- BAJARD, E. **Ler e dizer: compreensão e comunicação do texto escrito**. São Paulo: Cortez, 2005.
- BAKHTIN, M. Gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi. 9 ed. São Paulo: Hucitec, 2000.
- BAMBERGER, R. **Como Incentivar o Hábito de Leitura**. Trad. de Octavio Mendes Cajado. 6. ed. São Paulo: Ática, 1995.

BARBOSA, G. A. da S. **Sequência didática e estratégias de leitura na aprendizagem de produção de texto**. Tese (Doutorado em Educação) Depósito em 2017. Faculdade de ciências e tecnologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Presidente Prudente. Disponível em <<http://hdl.handle.net/11449/150836>>, acesso em 15 de novembro de 2019.

BARBOSA, J. F. **Alfabetização e leitura**, São Paulo: Cortez, 1991.

BASTIANETTO, P. **As funções do paratexto para a inteligibilidade da obra traduzida**. Tradterm, 11, 53-69. <https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.tradterm.2005.49676>. , 2005. Acesso em 20/07/2019.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol. Univ.** Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

BORTONI, R.; MACHADO, S. VERUSKA, R. **Os doze trabalhos de Hércules: do oral para o escrito**. São Paulo: Parábola, 2013]

BRASIL. Lei n.13.005, de 25 de junho de 2014. **Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, DF., 26 jun 2014. Disponível em: <http://pne.mec.gov.br/> acesso: 5 jun 2019

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 25 jul. 2018

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais - 1ª a 4ª séries**. Brasília, MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. PNA: **Política Nacional de Alfabetização**/Secretaria de Alfabetização. – Brasília: MEC, SEALF, 2019.

BROTTO, I. J. O. **Alfabetização: um tema, muitos sentidos**. Tese de doutorado. Universidade Federal do Paraná - Setor de Educação. Curitiba - PR, 2008. 238 fls

CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CAGLIARI, L. **Alfabetização & Linguística**. 6 ed. São Paulo: Scipione, 1993.

_____. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.

_____. **Alfabetização sem o BÁ-BÉ-BI-BÓ-BU**. SP, Scipione, 1998.

CAMARGO, L. **Ilustração do livro infantil**. Belo Horizonte: Ed. Lê, 1995.

CANÁRIO, R. A escola: o lugar onde os professores aprendem. **Revista de Psicologia da Educação**, PUC- São Paulo, n.6, p. 9-27, 1988.

CANDIDO, A. **Direitos humanos e literatura**. In.: FESTER, A. C. Ribeiro e outros. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. **O direito à literatura**. In: Vários escritos. 4ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004, p. 169-191.

CARVALHO, L. R. de. **As Reformas Pombalinas da Instrução Pública**. São Paulo: Saraiva: Ed. Universidade de São Paulo, 1978.

CASTRO, G.; BROTTTO, I. J. O. **Alfabetização ou letramento: para além da análise dos elementos lingüísticos textuais**. Revista de Estudos Literários, n. 33, julho-outubro 2006, Año XI. Disponível em: <<http://www.ucm.es/infor/especulo/numero>> acesso em 15 dez 2018

CHEVALLARD, Y. **La transposición didáctica del saber sábio ao saber enseñado**. 3.ed. Buenos Aires: Aique, 2000.

COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

CONTRERAS, J. **A autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002. cap 4 e 5

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

CRUZ, M.; MANZONI, R.; SILVA, A. **Planejamento no ciclo de alfabetização: objetivos e estratégias para o ensino relativo ao componente curricular – Língua Portuguesa**. In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: caderno a organização do planejamento e da rotina no ciclo de alfabetização na perspectiva do letramento: ano 2: unidade 2. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, p. 6-15, 2012a. Disponível em: Acesso em: 23 mar. 2019.

CUNHA, M. **Literatura Infantil Teoria e Prática**. São Paulo: Ática, 1997.

ARENA, D, B. **O ensino da ação de ler e suas contradições**. Ensino em Revista, v. 17, n. 1, p. 237-247, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/115190>>.Acesso:12 fev 2019

DALCIN, A. **Um olhar sobre o paradidático de matemática**. Dissertação de mestrado Campinas: Faculdade de Educação, UNICAMP, 2002.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B.; NOVERRAZ, M.; **Gêneros e progressão em expressão oral e escrita** – sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: Gêneros orais e escritos na escola / Tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de letras, 2004. São Paulo: Mercado de letras, 2006

ECCO, I. **Leitura: do conceito às orientações**. Disponível em: <<http://leituraebibliodiversidade.blogspot.com/2010/10/leitura-do-conceito-as-orientacoes.html>>. Acesso em: 11 dez. 2018.

YUNES, E. **Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados**. Curitiba: Aymará, 2009.

FERREIRA, P. **Catástrofe nacional, dizem especialistas sobre resultados da Avaliação Nacional de Alfabetização**. São Paulo: O Globo, 2017. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/catastrofe-nacional-dizemespecialistas-sobre-resultados-da-avaliacao-nacional-de-alfabetizacao21991860>> Acedido em: 30 set de 2018

FERREIRO, E. **A representação da linguagem e o processo de alfabetização**. Caderno de Pesquisa, São Paulo, n. 52, p. 07-17, fev./85, 2004.

_____ **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Artmed. Porto Alegre. 1999.

_____ **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Di Marco e Mário Corso. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FOUCAMBERT, J. **Modos de ser leitor: aprendizagem e ensino da leitura no ensino fundamental**. Tradução de: CHEREM, Lúcia P.; BORNATTO, Suzete P. 1ª ed. Curitiba: UFPR, 2008.

FREIRE, M. A Formação Permanente. In: Freire, Paulo: **Trabalho, Comentário, Reflexão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2011.

_____ **Pedagogia do Oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FUSARI, J. C. **O planejamento do trabalho pedagógico algumas indagações e tentativas de respostas**. 2008. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_08_p.044-055_c.pdf. Acessado em 27-11-2018.

GATTI, B. A. Educação, escola e formação de professores: políticas e impasses. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 50, p. 51-67, out./dez. 2013. Editora UFPR.

GENETTE, G. **Seuils**. Paris: Éditions du Seuil. 1987.

GERALDI, J. W. **A leitura e suas múltiplas faces**. In: _____. A aula como acontecimento. São Carlos: Pedro e João, 2010; p. 103-112.

GHEDIN, E. Professor reflexivo: da alienação da técnica à autonomia da crítica. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2003; p.129-150.

GIL, A. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIROTTI, C. G. G. S.; SOUZA, R. J. **Estratégia de leitura: para ensinar alunos a compreender o que leem**. In: SOUZA, R. J. de. et al. *Ler e compreender: estratégias de leitura*. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

GIROUX, H. A. Professores como intelectuais transformadores. In: GIROUX, H. A. **Os professores como intelectuais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999. Cap. 9, .157- 164

GOMES, C. Experiência de aprendizagem mediada. In: _____. **Feuerstein e a mediada do conhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2002, p. 71-105

GOMES, R. **A análise de dados em pesquisa qualitativa**. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). *Pesquisa Social*. 23.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

GÓMEZ, A. I. A função de formação do professor no ensino para a compreensão: diferentes perspectivas In: Sacristan, G. J. e Perez Gómez **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1998. Cap. 11, p.353-379.

GOTLIB. N. B. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1991.

HERNANDES, E.; SOUZA, J. R.; BALSAN, F. S. S. **Espaços de formação do leitor: a leitura na sala de aula e na biblioteca escolar**. Disponível em: <
<http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/1616>> acesso: 15 maio 2019.

HERNANDES, E. **Formação de professores alfabetizadores – Efeitos do programa Letra e Vida em escolas da região de Assis**. Marília, 2008. 224 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Campus de Marília, Universidade Estadual Paulista.

HERNANDES, E.; GOMES, A. A; BURLAMAQUE, V. F. **Caminhos na formação leitora: ensino e mediação na constituição do leitor literário**. Disponível em: <
<http://www.portaldepublicacoes.ufes.br/educacao/article/viewFile/15870/10949>> acesso: 13 abr 2019.

HERNÁNDEZ, F. **A organização do currículo por projetos de trabalho**. 5ª ed, Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

HYPÓLITO, A. M. Trabalho docente e profissionalização: sonho prometido ou sonho negado? In: VEIGA, I. P. A; CUNHA. M. I. (org). **Desmistificando a profissionalização do magistério**. Campinas: Papyrus Ed. 1999. Cap.4, p 81-100.

IMBERNÓN, F. A formação a partir de dentro. O que é formação em escolas e não nas escolas? In IMBERNÓN, F. **Qualidade do ensino e formação. Uma mudança necessária**. São Paulo: Cortez, Ed.2016. Cap 9.

JUNIOR, A. **História da Educação Brasileira da Colônia ao século XX**. São Carlos: Edufscar, 2010.

KAUFMAN, A.; RODRIGUES, M. **Escola, leitura e produção de texto**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1995.

KISHIMOTO, T. M. **Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação**. Petrópolis: RJ:Voices, 1993.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura: teoria e prática**. Campinas: Pontes, 1996.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2008a.

KRAMER, S. **Leitura e escrita de professores: da prática de pesquisa à prática de formação**. Revista Brasileira de Educação, n. 07, p. 19-41, 1998.

KUPFER, M. **Freud e a Educação – O mestre do impossível**. São Paulo: Scipione, 1995.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **A formação da leitura no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

LEAL, T.; ALBUQUERQUE, E. **Literatura e formação de leitores na escola**. In: PAIVA, A.; MACIEL, F. I. P.; COSSON, R. (Coord.). **Literatura: Ensino Fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Coleção Explorando o Ensino, v. 20, p. 89-106, 2010.

LERNER, D. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LIBÂNEO, J. C. **O processo de ensino na escola**. São Paulo: Cortez, 1994.

_____. **Os métodos de ensino**. São Paulo: Cortez, 1994.

_____. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 2006, 21ª edição.

_____. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2006 (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor).

LIMA, R.; ROSA, L. **O uso das fábulas no ensino fundamental para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita**. CIPPUS – Revista de Iniciação Científica do Unilasalle, Canoas-RS, v. 1, n. 1, p. 158, 2012.

LINDEN, S. V. D. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 2001

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARCHAND, M. **A afetividade do educador**. São Paulo: Summus, 1985.

MARCUSCHI, L. **Produção textual, análise de gênero e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, M. A. N. S. **Cantigas de Roda: o estético e o poético e sua importância para a educação infantil**. Curitiba, PR: CRV: 2012.

MARTINS, M. **O que é leitura**. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986

MEC – Ministério da Educação e Cultura. **Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos – Avaliação e Planejamento** – Caderno 4 – SECAD – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – 2006.

MEIRELES, C. **Problemas da Literatura Infantil**. São Paulo: Summus, 1979.

MORAIS, A.; ALBUQUERQUE, E. B. C. **Novos livros de alfabetização-novas dificuldades em inovar o ensino do sistema de escrita alfabética**. In: 14. INPLA - Intercâmbio de Pesquisas em Lingüística Aplicada. São Paulo, 2004.

MORAIS, A. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo. Editora Melhoramentos, 2012.

MORTATTI, M. R. L. **História Dos Métodos De Alfabetização No Brasil**. 2006. Disponível: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf> Acesso: dez 2018.

_____. **Os sentidos da alfabetização**: São Paulo - 1876/1994. Brasília, DF: MEC/INEP/COMPED; São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

_____. (Org.). **Alfabetização no Brasil: uma história de sua história**. Marília-SP: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

MUNEVECK, A. G. **Literatura Infantil: Entre o real e a fantasia**. 2010. 63p. Monografia de Conclusão do Curso (Pedagogia) - FAI Faculdades, Itapiranga, 2010.

NETO, J. **A invasão cultural na escola multisseriada: mudanças socioculturais, conflitos e resistências no cotidiano de comunidades ribeirinhas**. 2006. 148f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2006.

NERY, A. **Leitura e escola**. Disponível em:

<<http://naescolaagenteaprende.blogspot.com/03/sequencia-didatica-fabula-o-urso-e-as.html>>
acesso em: 10 de março de 2019.

NISKIER, A. **Educação Brasileira: 500 anos de História**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2001.

NOGUEIRA, A. **Eu leio, ele lê, nós lemos: processos de negociação na construção da leitura**. In: SMOLKA, Ana Luiza B. GÓES, Maria Cecília R. de. A linguagem e o outro no espaço escolar: Vygotsky e a construção do conhecimento. 5 ed. Campinas, SP: Papirus, 1996.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A.(org.) **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote- Instituto Inovação Educacional, 1995.

NUNES, I. et al. **A importância do incentivo à leitura na visão dos professores da escola Walt Disney**. In.: Revista eletrônica online. Editora: REFAF –, 2012.

NUNES, M. **Como lê uma criança que ainda não foi alfabetizada?** Textura, Canoas, n.16, p.100-111, jul/dez 2007.

PAIM, J. M. **Da sedução do professor pela literatura à sedução do aluno**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000.

PERRENOUD, P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas**. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

PETIT, M. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.

PILETTI, C. **Didática geral**. 23ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2001. Citação: UAI – POP Nº 005

RIBEIRO, M. **História da Educação Brasileira: a organização escolar**. 18 ed. ver. ampl.. Campinas: Autores Associados, 2000.

ROJO, R. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. São Paulo: SEE / CENP, 2004. Texto apresentado em Congresso realizado em maio de 2004.

SÃO PAULO. **Guia de planejamento e orientações didáticas**. Secretaria de Educação e Cultura. SÃO PAULO. 2014

VAN DER LINDEN, S. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

SAVIANI, D. Aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. Campinas: **Revista Brasileira de Educação**, v.14, n. 40, 2009.

SCHMITZ, E. **Fundamentos da Didática**. 7ª Ed. São Leopoldo, RS: Editora. Unisinos, 2000. (p. 101 a 110).

SELLTIZ, C. et al. **Método de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: EPU, 1974.

SCHÖN, Donald. **Le praticien réflexif: à la recherche du savoir caché dans l'agir professionnel**. Montréal: Logiques, 1997.

SHULMAN, L. S. **Those who understand: knowledge growth in teaching**. Educational Researcher, 15(2) 1986. p. 4-14.

SILVA, E. **Criticidade e Leitura**. SP, Campinas: Mercado de Letras, 1998.

SILVA, E. T. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia de leitura**, 7º Ed, São Paulo, Cortez, 1996.

SILVA, W. **Miséria da biblioteca escolar**. São Paulo: Cortez, 1999

SMITH, F. **Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

SOARES, M. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: **A escolarização da leitura literária: O jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contextos, 2003

SOARES, M. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. In: 26ª REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 2003, Caxambu. Anais da 28ª Reunião Nacional da ANPEd, Caxambu: 2003, p. 1 – 18.

SOLÉ, I. **Estratégias de Leitura**; trad. Cláudia Schilling. 6 ed. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

SOUZA, M. S. D. **A conquista do jovem leitor: uma proposta alternativa**. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 1998. 114 p.

SOUZA, R., J.; HERNANDES, E. D. K.; BALSAN, S. F. S. **Espaços de formação do leitor: a leitura na sala de aula e na biblioteca escolar**. **Textura**, n. 35, set./dez.2015. Disponível em: < www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/download/1616/1250>. Acesso em: 07 jul. 2019.

TASSONI, E., C. M. **Afetividade e aprendizagem: A relação professor-aluno in** Psicologia, análise e crítica da prática educacional. Campinas: ANPED, 2000.

THOMAZ, J., R. **Relação entre leitura e alfabetização**. Disponível em:<<http://www.artigos.com/artigos/humanas/educacao/relacao-entre-leitura-e-alfabetizacao-8373/artigo/>>. 2010. Acesso em: 13 de jun de 2019.

VIGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. COLE, Michael et al (Orgs). Tradução de José Cipolla Neto et al. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

XAVIER, M. **História da Educação: a escola no Brasil**. São Paulo: FTD, 1994.

YUNES, E. **Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados**. Curitiba: Aymar, 2009.

ZAMBONI, E. **Que História é Essa? Uma Proposta analítica dos livros paradidáticos de História.** Campinas, 1991. Tese (Doutorado em Educação) – FE/Unicamp.

ZEICHNER, K. **Beyond the divide of teacher research and academic research. Teachers and teaching: Theory and Practice**, v. 1, n. 2, p. 153- 172, 1993.

ZILBERMAN, R. **A leitura na escola.** In:_____. (org). **A leitura em crise na escola: as alternativas do professor.** Porto Alegre: Mercado aberto, 1986.

ZOARA, F. **Retratos da leitura no Brasil.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2016

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar.** trad. Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 2010.

ZOTTI, S. A. **Sociedade, Educação e Currículo no Brasil: dos jesuítas aos anos de 1980.** Campinas: Autores Associados, 2004.